

Gol bonito tem reprise

Pato Fu registra com convidados show alusivo aos 30 anos de seu icônico álbum ‘Gol de Quem?’



Fabiana Figueiredo/Divulgação



Fabiana Figueiredo/Divulgação



Zélia Duncan, Tom Zé e BNegão dividiram o palco com o Patu Fu no show de celebração dos 30 anos de um dos álbuns mais emblemáticos do grupo mineiro

AFFONSO NUNES

Trinta anos depois, “Gol de Quem?” volta a tocar do começo ao fim. O terceiro álbum do Pato Fu, lançado em 1995, foi celebrado em agosto do ano passado, em

show da banda, na Audio Club, em São Paulo, num encontro que reuniu convidados e fãs de várias gerações. “Gol de Quem? Ao Vivo” chega às plataformas digitais em 9 de outubro e, no dia seguinte, o registro audiovisual estreia às 21h no canal Music Box Brazil e no YouTube da banda.

O disco de 1995 é o marco em que o grupo mineiro, formado em Belo Horizonte em 1992, firmou seu lugar na cena nacional, somando rock alternativo, pop, experimentação sonora e letras de personalidade rara.

No palco, Tom Zé, Zélia Duncan, BNegão e Coral juntaram-se à

banda para interpretar canções do álbum em versões novas. A plateia que disputou ingressos para lotar a casa acompanhou os encontros de perto — e seguiu cantando músicas de todas as fases da carreira, algumas há muito ausentes dos palcos.

A direção e a concepção do registro são de Batman Zavareze, com

direção musical de John Ulhoa e direção de produção de Aluizer Malab. Hoje formado por Fernanda Takai, John Ulhoa, Ricardo Koctus, Xande Tamietti e Richard Neves, o Pato Fu soma 17 álbuns, três Discos de Ouro, um Grammy Latino e prêmios como o APCA, além de prêmios MTV e Multishow.

CRÍTICA DISCO | NA GIRA PARTES 1 E 2

AQUILES RIQUE REIS*

Umbandistas, espíritas, católicos...

Hoje vamos com o trabalho da cantora, compositora e sambista paulistana Grazizi Brasil, que agora lança o seu projeto completo, “Na Gira” (selo Londu Music). Um álbum e um DVD de fôlego, no qual ela reafirma sua conexão com a ancestralidade, a cultura afro-brasileira e o samba.

Com direção e produção musical de Leandro Máttos, direção artística de Cris Casagrande, em “Na Gira” sobressai a visão da Umbanda, sim. Mas parece abrir caminho para a diversidade da religiosidade dos brasileiros, com seu sincretismo e o desejo de proteção à própria essência vital.

Gravado ao vivo, do repertório brota o fogo que conflagra cérebros

e almas, ávidos de respostas aos mistérios avoengos. Mas será que a todos os credos, as músicas e os significados de Na Gira satisfazem os anseios por explicações divinas? Não sei, mas que merecem ser respeitadas, não tenho dúvida.

Com voz poderosa, em meio aos cantos e ao bater dos tambores, Grazizi Brasil exala verdades. Com os arranjos de Leandro Máttos, o núcleo percussivo (Gerson Martins Dias, Douglas Miguel (Pit), Kayan Alcantara e Ed Trombone), encontra o cavaquinho de Emerson Bernardes e o violão 7 cordas de Rodrigo Carneiro e, encorpados pelo trombone e pelo flugelhorn de Ed trombone, agem como um poderoso lenitivo para os que care-

cem de respostas e não as encontram na crueza do mundo real. Vamos ao repertório, que pode ser ouvido em <https://sl1nk.com/zj67srd>.

Parte 1: “Na Gira” foi inspirado na organização simbólica das giras de Umbanda. A primeira parte representa o chamado “povo da direita”, reunindo canções dedicadas aos Orixás, Pretos-Velhos, Marinheiros, Baianos e linhas associadas à luz, ao acolhimento, à cura e à elevação espiritual. Após

minha audição, indico algumas faixas: “Opará” (Grazizi Brasil e Mayara Costa); participação Mayara Costa; “Benção de Orixá” (Grazizi Brasil); “Vovó Maria” (Deny Alves, Marquinhos Jaca, Reinaldinho e Vagner Almeida) e “A Baiana Deu Sinal” (Domínio Público).

Parte 2: aqui o projeto trata das entidades tradicionalmente associadas ao “povo da esquerda”: Exus, Pombas-gira e Exus-Mirins, personagens das religiões afro-brasilei-

ras, usualmente incompreendidos fora dos terreiros, mas responsáveis pela abertura de caminhos, amparo e equilíbrio das energias. Novamente, segundo minha audição, aqui vão algumas dicas: “Ela É de Oyá” (Sandro Luiz); participação Sandro Luiz; “Santo Antônio Pequeno” e “Exú Mirim” (Domínio Público); “Doi Dói” / “Arreda Homem” / “Pombagira Cigana da Estrada” / “Malandrinha do Cais” e “Barraca Velha” (Domínio Público).

“Na Gira” é um projeto a ser conhecido, ouvido com atenção e propalado aos quatro cantos. Graças à sua musicalidade, pode contribuir para, ao menos, amenizar as incompreensões que marginalizam as mulheres e o povo preto da umbanda, além de buscar a solidariedade de todos os credos que praticam o sincretismo religioso no Brasil.

*Vocalista do MPB4 e escritor



Divulgação

Na Gira Parte 1, de Grazizi Brasil



Divulgação